



IMPRESA
OFICIAL/ES

DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano IV - nº 25

Vitória-ES

Janeiro de 2015

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



O Solar do Barão

MENU

Erlon José Paschoal
erlonpaschoal@uol.com.br



Erlon José Paschoal

Como tenho me ocupado muito com literatura infantil nos últimos anos, indico um ótimo livro para leitura nas próximas férias junto com as crianças: SAFIRA de Sérgio Blank, reeditado pela editora Causa.

Trata-se da fábula de uma caneta chamada Safira que certo dia, ao acordar tarde, depois de uma noite intensa de sonhos, descobriu-se nobre: constatou maravilhada que tinha o sangue azul, a cor da imensidão celeste, do irreal, do fantástico, da fidelidade, da pureza e das águas do mar que, para o escritor alemão Novalis, simboliza também a poesia, o amor e a harmonia, personificada pela “flor azul”. Safira - a pedra azul, a pedra da esperança, presente nos alicerces de Jerusalém celeste, que cura doenças dos olhos e liberta prisioneiros - vê-se repentinamente capaz de criar no papel todas as realidades possíveis, e desenvolve com ele e com o tinteiro uma relação repleta de carinho, complementaridade e gratidão; munida dos poderes do criador, ela desenha imagens que ganham vida e se tornam autônomas, até perceber-se igual a todos e aprender o valor da verdadeira amizade.

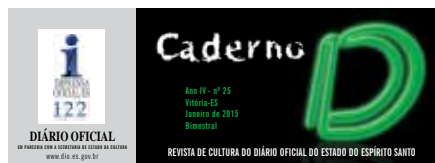
Cecília Meireles afirmou certa vez, a propósito dos livros de Lewis Carroll, que é nas coisas cotidianas e em nós mesmos que realmente descobrimos o que existe de maravilhoso no mundo. Safira, uma caneta comum, cotidianamente metida entre os dedos dos leitores mirins, copiando anotações do quadro-negro e fazendo as lições de casa, torna-se como num passe de mágica um rico instrumento de expressão da alma, de expansão da individualidade e de criação. Através das formas, linhas e letras produzidas pela tinta azul que circula no corpo da caneta, a criança pode traçar também um sentido para a sua experiência no mundo, ampliar os seus próprios horizontes, compreendendo a si mesma e aos outros de uma

maneira mais ampla. A cor das profundezas e da infinidade do céu, o sangue azul desse objeto frágil, corriqueiro e tão útil, pode abrir sem dúvida um horizonte igualmente infinito de possibilidades às mãos que o guiam. As ilustrações de Mara Perpétua, por sua vez, conduzem com suavidade e singeleza a atenção do leitor pelo mundo mágico das formas e letras.



Outra obra que merece ser lida nestas férias são As Afinidades Eletivas de Goethe, que traduzi para a Editora Nova Alexandria. Já maduro, aos 60 anos, o autor retoma o tema da paixão avassaladora com todas as suas implicações e consequências. Utilizando-se do princípio químico pelo qual dois elementos agregados se separam para unirem-se a dois outros elementos, Goethe constrói uma alegoria para demonstrar a determinação das forças da natureza no tocante à atração irrefreável que junta as pessoas. O título do livro foi extraído das Ciências Naturais; trata-se de uma expressão - attractionibus electivis - usada para designar a atração entre dois elementos químicos diferentes, mas afins. Charlotte e o marido recebem em seu castelo um amigo e uma sobrinha. Na convivência diária as afinidades entre as pessoas vão se tornando mais evidentes e com o passar do tempo uma paixão irresistível irrompe desestruturando a vida do casal. O livro coloca muitas coisas em questão: a fidelidade, o casamento e o significado do amor. A par disso, a mulher aparece no romance não como símbolo ou brinquedo nas mãos dos homens, mas na condição de interlocutora dotada de inteligência e de vontade.

Boa leitura e um ótimo ano a todos!



DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora Presidente

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS
Secretário de Estado da Cultura

JOSÉ ROBERTO SANTOS NEVES
Subsecretário de Estado da Cultura

Direção Geral

Marcos Alencar

Produção de matérias

Gilberto Medeiros

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Jornalista responsável

Stephanie Oliveira ES 01658/JP

Impresso na Gráfica do DIO

GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador

CÉSAR ALBERTO COLNAGHI
Vice-Governador

SANDRA HELENA BELLON
Secretária de Gestão e Recursos Humanos

Este Caderno pode ser acessado no site www.dio.es.gov.br



ARTES CÊNICAS

Stephanie Oliveira

Calendário estrelado.

O calendário 2015 da Imprensa Oficial do Espírito Santo (DIO/ES) faz uma homenagem especial aos capixabas que se destacaram no Espírito Santo e tiveram reconhecimento nacional e internacional nas artes cênicas, cinema, teatro e televisão. Alguns dos nomes escolhidos não necessariamente nasceram no Espírito Santo, mas viveram grande parte de suas vidas no Estado.

Idealizado pelo assessor técnico da autarquia, Paulo Angelo, com projeto gráfico de Patrícia Rosário e Antônio Caliar, e ilustrações de Cláudio Victor Araújo, este projeto é uma continuação da ideia do calendário de 2013, onde foram homenageados nomes ilustres do cenário capixaba que alcançaram reconhecimento nacional e internacional ao longo de suas carreiras.

Os doze nomes escolhidos para compor a obra foram: Elisa Lucinda, Ayumi Irie, Darlene Glória, Stênio Garcia, Carlos Wilson, Chay Suede, Jece Valadão, Iran Malfitano, Fernando Torres, André De Biase, Eliezer de Almeida e Therla Duarte.

Além de uma ilustração de cada personalidade, o Calendário 2015 do DIO/ES traz ainda um breve histórico sobre a trajetória de cada artista capixaba, tornando-se fonte de conhecimento sobre os ícones que marcaram e que continuam fazendo a história capixaba. ■



CAPA

Um *casarão* e sua

O Museu Solar Monjardim é estruturado como um museu-casa e seu acervo revela aspectos da vida cotidiana de uma família abastada do século 19, com exposição permanente de objetos, manifestações artísticas, e histórias de uma época marcante e seus costumes.

O casarão, que hoje abriga o museu, teve sua construção iniciada na década de 1780 e era outrora a sede da antiga Fazenda Jucutuquara, que abrigava bairros da região do maciço central da ilha de Vitória.

O Museu Capixaba foi criado em junho de 1939, no Quartel da Polícia Militar, com acervo multidisciplinar e eclético. Em 1952, foi transferido para a residência dos herdeiros do Barão de Monjardim e, em 1966, recebeu acervo do Museu de Arte Religiosa. Na década de 1980, a instituição foi requalificada e renomeada pela então Fundação Pró-Memória e passou a se chamar Museu Solar Monjardim.

É o único museu federal de Vitória e está vinculado ao Ministério da Cultura, por ser parte integrante do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). A diretora do Museu Solar Monjardim, Flávia Figueiredo, revelou que a partir de 2015 a programação vai ser ampliada. Além

da visitação permanente ao acervo, que foi visto por mais de seis mil pessoas em 2014, vai abrigar uma exposição de desenhos de bico de pena de André Carloni, oficinas durante a Semana de Museus (prevista para maio), apresentações musicais, atividades do hip-hop e ações educativas sobre meio ambiente. O acervo fotográfico do museu vai ganhar destaque em uma exposição sobre a urbanização de Vitória.

Mais uma parceria vai dar o que falar em 2015. A Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES) vai levar seus alunos ao museu periodicamente para exercitar, no anfiteatro, o que eles aprendem durante as aulas.

Flávia contou que a comunidade está se aproximando do museu a partir das escolas, que frequentam as dependências, conhecem elementos do passado brasileiro e aprendem a história por meio dos hábitos da família que um dia morou ali – a família do Barão Monjardim, que governou o Espírito Santo como província e foi o primeiro governador do Estado. Ali os estudantes têm contato com documentos que se referem a um dos períodos mais dramáticos da humanidade, quando a escravidão, sobretudo de negros, vitimou milhões de pessoas. “Nós temos uma



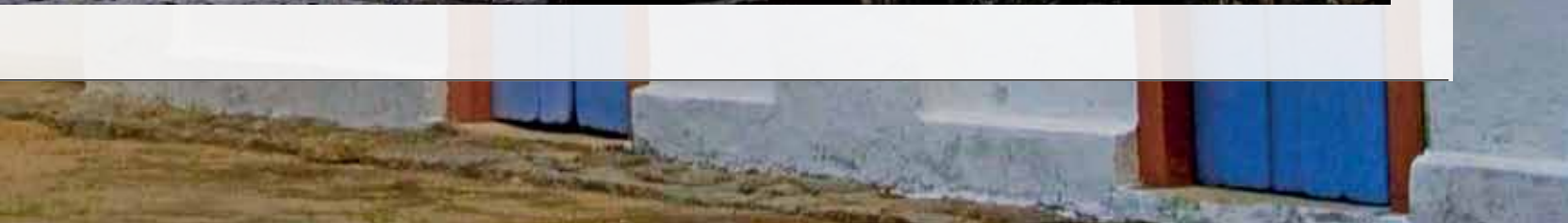
Gilberto Medeiros
é jornalista e
blogueiro

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

a história



Fotos: Divulgação Ibram



CAPA

exposição de cartas de alforria. Os alunos ficam impressionados quando eles aprendem como eram tratadas como mercadorias aquelas pessoas”, ressaltou Flávia.

O conjunto formado por chácara, residência e acervo impressiona e, vez por outra, produções de cinema e televisão utilizando o Solar Monjardim como cenário. Recentemente, a produtora Pique Bandeira gravou um curta-metragem ali. A turma jovem do Ponto Cult (TV Tribuna) e do Em Movimento (TV Gazeta) já são até conhecidos dos funcionários.

A televisão, aliás, faz parte de filhos ilustres da família, como a cantora Maysa Monjardim e o novelista da Rede Globo Jayme Monjardim. Foi o pai de Maysa, inclusive, quem livrou Noel Rosa da cadeia numa passagem do músico por Vitória na década de 1930.

Confira a seguir trechos da entrevista com a diretora do Museu Solar Monjardim, Flávia Figueiredo, que acredita numa curva ascendente na relação daquele aparelho cultural e a comunidade capixaba.

“Por sua história, acervo, preservação da casa, dos jardins e da mata, o Museu Solar Monjardim é um dos mais importantes do Espírito Santo e dos museus administrados pelo Ibram”, comemorou.

CADERNO D - Qual é o perfil do visitante do Museu Solar Monjardim?

Flávia Figueiredo, diretora do



Gilberto Medeiros

gilberto_medeiros@yahoo.com.br



Família aristocrática é origem de cantora pop

A história do Museu Solar Monjardim – assim como de qualquer museu – extrapola as peças de seu acervo. A casa onde funciona esse aparelho cultural foi construída pela família ao qual pertenceu Alfeu Adolfo Monjardim de Andrade e Almeida, o Barão Monjardim, que governou o Espírito Santo por cinco vezes. E da cantora Maysa Monjardim Matarazzo, que ganhou o Brasil com sua voz carregada de emoção.

Maysa virou tema de dois livros publicados pelo jornalista José Roberto Santos Neves, que detalha sua linhagem até o Barão.

“Maysa era bisneta do Barão de Monjardim, neta de Manoel Silvino Monjardim (médico que fez o parto dela em Botafogo) e filha de Alcebiades, o Monja, que foi fiscal do Imposto sobre Consumo e deputado estadual”, contou.

Para ilustrar como a música e a convivência com artistas fez parte da história da família da cantora, que morou no Parque Moscoso do nascimento até a mudança para Bauru (SP), José Roberto relata um ‘causo’ vivido pelo pai de Maysa e Noel Rosa.

“Foi através de sua influência que Monja livrou Noel Rosa da cadeia quando da passagem do Poeta da Vila por Vitória na década de 30”, contou entre risos.

O pesquisador não tem, no entanto, dados sobre a relação de Maysa com o Solar, que tornou-se patrimônio cultural ainda na década de 1940.

“Infelizmente não tenho essa informação. A Maysa morou no Parque Moscoso com a família nos primeiros meses de vida e depois mudou-se para Bauru (SP) e, posteriormente, São Paulo. Quando passava férias em Vitória ficava hospedada na casa da Tia Selika, no Centro”, anotou.



CAPA

Museu Solar Monjardim – Nós recebemos cerca de 6.500 visitantes por ano. Aqui atendemos diversos públicos, desde turistas, famílias de moradores da região, apesar de ainda ter mais visitantes de fora daqui. Mas nosso grande público ainda é escolar, a gente recebe muitos alunos aqui e também grupos de projetos sociais, grupos de terceira idade.

Então vêm mais crianças do que adultos ao museu?

Sim. As escolas da região realmente têm a preocupação de trazer seus alunos ao museu, acredito que façam aproveitamento depois nas aulas. Aqui, durante a visita, eles têm uma experiência diferenciada no ensino da história. Proporciona outra maneira de ver,

conhecem os objetos utilizados na época em que era uma casa. Nós temos uma exposição de cartas de alforria, aí eles aprendem como eram tratadas como mercadorias aquelas pessoas. Um objeto que suscita muita curiosidade é a escarradeira, eles ficam imaginando como era ter isso em casa, era comum em casas da elite, não



Gilberto Medeiros

gilberto_medeiros@yahoo.com.br

era para todo mundo. E eles são acompanhados por monitores.

A área de jardim é utilizada também por visitantes?

As escolas utilizam uma área com toldo, mesas e cadeiras no jardim, mas também temos o anfiteatro, que nós começamos a fazer uso dele nos últimos anos. Ainda não temos um calendário

fixo, mas já tivemos apresentação de violão clássico, teve dança, roda de capoeira, coral afro, show de rap, batalhas de rima... a gente já conseguiu colocar um uso nele. E a forma geral são parcerias com a comunidade e a prefeitura. O museu tem um equipamento que está favorecendo a comunidade. Ainda não tanto quanto a gente quer, mas já começou a ter um ritmo.

E a programação do ao que vem?

Estamos adquirindo um equipamento de som e a expectativa para o ano que vem é ter mais apresentações no anfiteatro. Nós já conversamos com a FAMES (Faculdade de Música do Espírito Santo) para trazer os estudantes para cá, eles precisam fazer apresentações, então vai ter um uso mais frequente para apresentações musicais. No espaço ao ar livre teremos roda de capoeira semanalmente. Mais uma parceria com a comunidade. O espaço já foi utilizado para treinar capoeira, então tem uma história de formar pessoas aqui.

Além da visitação permanente ao acervo, a gente está preparando uma exposição de desenhos de bico de pena, técnica empregada pelo André Carloni, durante a Semana de Museus vamos oferecer oficinas, durante o ano teremos apresentações musicais, atividades do hip-hop e ações educativas sobre meio ambiente. O acervo fotográfico do museu vai ganhar destaque em uma exposição sobre a urbanização de Vitória. ■

Fotos: Divulgação Ibram



Agende uma visita

Por ser uma referência expressiva da arquitetura rural colonial brasileira, o Museu Solar Monjardim foi tombado como patrimônio nacional em 1940. Sua mostra permanente pode ser vista de terça-feira a domingo. No total, o acervo do Museu Solar Monjardim é composto por 2.718 itens das mais variadas tipologias (mobiliário, armaria, fotografia, numismática, utensílios domésticos, arte sacra, dentre outras). Para grupos com mais de dez visitantes é preciso fazer agendamento prévio.

Entrada: **Grátis**

Endereço: **Avenida Paulino Müller, Jucutuquara**

Telefone: **(27) 3223-6609**

E-mail: **msm@museus.gov.br**

Horário de visitação: **Terça-feira a sexta-feira, das 9h30 às 16h30, e aos sábados, domingos e feriados, das 13 horas às 17h.**

Fontes: Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e Prefeitura de Vitória (PMV).

MINHA ESTANTE / EUSTÁQUIO PALHARES

È preciso ler. *Sempre*

Eustáquio Palhares é da geração de profissionais que revigorou o jornalismo da Rede Tribuna e levou o diário do grupo a assumir a liderança no mercado capixaba, ocupando um lugar entre os 20 principais jornais do Brasil. Comandou por 25 anos na TV Tribuna o programa '9 Minutos', de 30 de junho de 1989 até a despedida no dia 30 de junho de 2014 e recebeu o convite de Minha Estante como "uma chance de a gente prestar tributo a livros".

Ele conta que aprendeu a ler aos sete anos frequentando uma escola pública da periferia de Governador Valadares (MG). "Meus pais não eram dados à leitura, minha família era muito modesta, meu pai fiscal da prefeitura municipal e minha mãe, como todas dos anos 50, do lar", recordou.

Aprender a ler mudou a vida de Eustáquio. A família tinha poucos recursos e, no começo, a leitura ateu-se aos livros escolares "exceto os de aritmética e matemática, que me hostilizavam" e à Bíblia protestante que garante ter lido do Gênesis ao Apocalipse.

"Logo que aprendi a ler descobri um mundo. Um dia vi uma declaração do Ziraldo, meu contemporâneo de infância, que subcrevo integralmente: - criança nem precisa estudar, mas tem que ler. Claro que isso não significa negligenciar o estudo, mas a leitura o

precede e é também um admirável meio de mobilidade social".

Dizendo ser impossível explicar sua ligação com a leitura listando seis livros, a média utilizada em Minha Estante, Eustáquio fez questão de citar obras que considera tão essenciais quanto aquelas dispostas em tópicos ao final deste texto de apresentação: A História da Riqueza do Homem (Leo Huberman), O Nome da Rosa (Umberto Eco), Cem anos de Solidão (Gabriel Garcia Marques), A Guerra do Fim do Mundo (Mario Vargas Llosa), O Despertar dos Mágicos (Jacque Bergier e Louis Powel), a História da Filosofia Ocidental (Bertrand Russel) e a Doutrina Secreta, de Helena Blavatsk.

Pinocchio, de Carlo Collodi

"O Primeiro livro marcante foi Pinocchio, uma tradução do romance italiano, de 750 páginas, que devorei aos oito anos; a saga do menino solitário me levou às lágrimas".

A Cidadela, de AJ Cronin

"Algumas obras de AJ Cronin da qual destaco como antológica, "A Cidadela", as peripécias de um jovem médico idealista envolvido com a questão social dos trabalhadores nas minas de carvão na Inglaterra".

A Índia Misteriosa, de Paul Brunton

"Um livro de um renomado eso-



Gilberto Medeiros é jornalista e blogueiro

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

e

térico inglês, Paul Brunton, que descreve o lado inefável daquela Índia folclórica da qual, dizem, ninguém volta ileso em sua noção de transcendência”.

O Egípcio, de Mika Waltari

“Talvez o maior de todos os romances que já li, uma soberba história escrita pelo finlandês Mika Waltari, baseada em alguns aspectos da história de Moisés e de Akenathon”.

Os Grandes Iniciados, de Édouard Schuré

“Uma pesquisa substanciosa sobre os grandes avatares da Humanidade, de Orfeu a Jesus, passando pelos panteões hinduísta, grego e oriental”.

Homenagem ao Sol, de Kyriacos Markides

“Na verdade uma trilogia do sociólogo cipriota Kyriacos Markides (composta ainda pelos livros “O Mago de Strovolos” e “O Fogo do Coração”) que didatiza experiências de transcendência manifestadas por nomes diferentes em várias religiões”. ■



CONTO

Jeito & *Frustrada*

Sou excessivamente desorganizada com tudo quanto é meu. Meu quarto é uma tremenda bagunça que os amigos não visitam (porque não deixo) e jamais conseguiriam entender. Desajeitada para viver - nunca soube comprar uma roupa para mim. Visto-me com displicência, não sei combinar cores nem pronomes. Escondo, entre os troços mais íntimos, esta frustração: O haver começado a escrever um livro - de nome Vento sul - e não ter tido coragem suficiente para continuar e chegar ao fim. Vou morrer com esta mágoa, verdadeira crueldade que cometi comigo mesma. Estou certa de pouca coisa nesta vida, e uma delas é esta: jamais escreverei o Vento sul.

Tenho alguns quilômetros de tempo sobre o caminho percorrido, rumo à eternidade. Juro que acredito nela. E com esta crença vou rompendo por ai afora, esperando' que um dia a Terra me seja leve e que ao me cobrirem com ela, me cubram, também, de rosas. Não digo que sou católica, porque a minha fé é atormentadíssima, feita de muitas dúvidas e de certeza quase nenhuma: 50% é medo; 40% é fruto de educação religiosa e tradição de família; os 10% restantes talvez sejam até de convicção - mas eu não sei se é assim. Apesar disto, acredito (e respeito) na existência de um Ser

maior e melhor que nos.

Por outro lado, sou assim: tímida, irreverente, pouco sociável, atrevida (por telefone e quando escrevo), viciada (nos pequenos e permitidos vícios), selvagem, preguiçosa simples, complicada, sentimental, gozadora, bruxa, carinhosa, dócil e violenta. Adoro falar mal dos amigos mais queridos, mas só fago com os amigos comuns. Se algum estranho se meter a fazer o mesmo, nem sei do que serei capaz. Aliás, nos meus amigos, eu acho que o que mais me atrai são os defeitos, não as qualidades. Cheguei a esta conclusão, depois de muito os ouvir, eles próprios confessarem a mim, descaradamente, que não prestam. Gosto deles apesar de, e não porque. Dai... Não falo nunca mal, nem falo coisa nenhuma, alias, dos meus inimigos. Considero isto - espinafrar com

os inimigos - a maior das covardias. Ignoro-os e pronto. Gosto de escrever, também. E acredito nos que afirmam por ai que escrevo bem. É a única coisa, diga-se, que sei fazer mais ou menos e tem que ser em casa, sem ninguém para perturbar, isolada e descalça. Só mesmo por necessidade às vezes escrevo diretamente na redação. Não tenho paciência com gente burra e muito menos com gente chata. Odeio os chatos em particular e os burros em geral. Aos

ção

primeiros, sinceramente, gostaria de incendiar de uma pancada só. Acho que como filha de Deus que sou, tenho o direito humano de escolher as pessoas com as quais quero estar. Não me sinto na obrigação de suportar, nem de ser gentil com ninguém, que não sejam as pessoas do meu amor, da minha pequena grande humanidade particular. Sinto um respeito imenso por Gide e descobri em Fernando Pessoa o meu poeta maior. Sou viúva espiritual de Antônio Maria, cuja ternura interrompida eu busquei e amei e cujo silêncio até hoje não pude aceitar. Amo todas as coisas simples da vida: as rosas, as estrelas, os passarinhos, o vento, a rua Duque de Caxias, O pôr-do-sol, as madrugadas nos levando irmanados para um jantar modesto no Mar e Terra. Amo o milagre, que transporta o tempo, traz o inverno de Volta; amo as noites frias de julho, mais que as manhãs de sol, porque elas aproximam as criaturas, fazendo-as mais puras, mais perto, mais amigas e melhores. Não troco o conforto das minhas calças compridas e surradas por nada deste mundo e nem creio que no mundo haja coisas melhores para eu vestir.

Amo, ah, eu amo, sobretudo, a vida. Apesar de tudo, a vida. E vou fazendo do meu amor, uma oração de fidelidade que eu rezo todos os dias em troca do amor que esta vida me dá. De resto, eu gostaria de ser humilde, grandemente humilde, para entender os Homens, sua crueldade e injustiça, para perdoar

todos os pecados e não cometer um só. Porque isto é mesmo impossível, me conformo. E previno por uma questão de precaução, cubram o leme. Cubram o leme antes que seja tarde demais



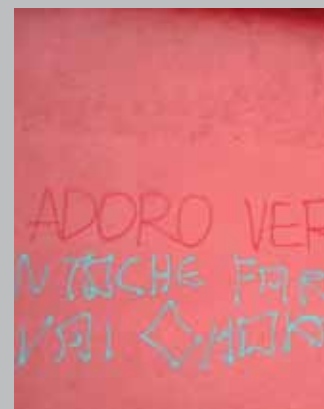
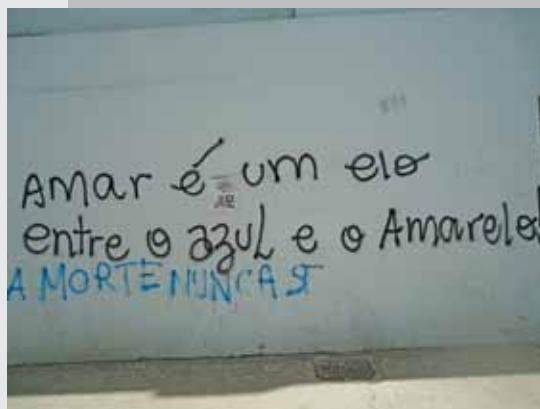
Vitória, 2 de abril de 1967

Extraído do livro de crônicas Vento Sul



DIFÍCIL DE ENTENDER

Vândalos merecem a repulsa de toda a sociedade. Os pichadores garatujam paredes e muros, propriedades públicas e privadas, e exibem a sua afronta a lei e ao bom senso. No cometimento destes crimes chama muita a atenção o hermetismo das mensagens. Se entender o propósito dos emporcalhadores já é difícil, compreender as mensagens, muito mais ainda. Experimente desvendar os segredos rabiscados nas paredes da capital do estado.







Por do sol no Rio Cricaré.
Guriri - Município de São Mateus.
Foto: Paulo Roberto Falsini Angelo
paulo_angelo@terra.com.br

